

Tecnologia, Inteligência Artificial e Transformação Digital em Administração
CONHECIMENTO FINANCEIRO DIGITAL E A DIFERENÇA DE GÊNERO.

Resumo: As diferenças de gênero no conhecimento financeiro digital constituem o foco central deste estudo, realizado em um cenário marcado pela crescente digitalização das finanças e pela expansão das fintechs, que transformaram o acesso a serviços e ferramentas financeiras. O objetivo foi identificar de que forma variáveis sociodemográficas influenciam essa competência no Brasil, utilizando questionário estruturado aplicado a uma amostra nacional de mil e um (1001) respondentes, com análise por estatística descritiva, teste *t* e regressão linear múltipla. Os resultados evidenciaram que homens apresentam níveis mais elevados de conhecimento financeiro digital, sobretudo em questões de maior complexidade, enquanto as mulheres revelaram maior propensão a respostas como “Nunca tentei” ou “Não sei”, o que ressalta o papel da autoconfiança e da autoestima nesse campo. Entre as variáveis analisadas, sexo, renda, escolaridade e uso do Pix se mostraram significativas, sendo a renda o fator de maior impacto. Tais achados confirmam a literatura que associa as disparidades de gênero às diferenças salariais, ao sexismo histórico e à insuficiência de políticas públicas inclusivas. A contribuição do estudo está em oferecer evidências empíricas inéditas sobre o contexto brasileiro, ainda pouco explorado, em um momento em que a digitalização financeira demanda competências cada vez mais complexas. Ao mapear os principais determinantes do conhecimento financeiro digital e suas diferenças entre homens e mulheres, a pesquisa amplia a compreensão da temática e reforça a importância de iniciativas que democratizem a educação financeira digital, favorecendo a inclusão socioeconômica e a participação equitativa no ecossistema financeiro digital.

Palavras-Chave: Conhecimento Financeiro Digital, Gênero, Inclusão.

Abstract: Gender differences in digital financial literacy are the central focus of this study, conducted in a context marked by the growing digitalization of finance and the expansion of fintechs, which have transformed access to financial services and tools. The objective was to identify how sociodemographic variables influence this competence in Brazil, using a structured questionnaire applied to a national sample of one thousand and one (1001) respondents, analyzed through descriptive statistics, Student's *t*-test, and multiple linear regression. The results showed that men exhibit higher levels of digital financial literacy, especially in more complex questions, while women were more likely to select answers such as “Never tried” or “I don't know,” highlighting the role of self-confidence and self-esteem in this field. Among the variables analyzed, gender, income, education, and the use of Pix were significant, with income emerging as the most influential factor. These findings confirm the literature that associates gender disparities with wage differences, historical sexism, and the lack of inclusive public policies. The contribution of this study lies in providing unprecedented empirical evidence on the Brazilian context, still underexplored, at a time when financial digitalization demands increasingly complex competencies. By mapping the main determinants of digital financial literacy and their differences between men and women, this research broadens the understanding of the topic and reinforces the importance of initiatives that democratize digital financial education, fostering socioeconomic inclusion and equitable participation in the digital financial ecosystem.

Keywords: Digital Financial Literacy, Gender, Inclusion.

1.0 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o campo da alfabetização financeira vem se reinventando. Já que a digitalização das finanças trouxe consigo as *Fintechs* que foram de encontro com o tradicionalismo (MURINDE, et al. 2022), forçando a atualização dos serviços bancários, emissão de diferentes ativos como criptomoedas e inovação do ambiente corporativo (MOGAJI et al, 2022), o que resultou na eclosão da “Alfabetização Financeira Digital” (Zaimovic, et al, 2024).

Para a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico- OCDE a Alfabetização financeira é tida como a melhora do entendimento sobre conceitos e os produtos financeiros pelos consumidores e investidores, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, para que assim possam desenvolver suas habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras para tornarem decisões fundamentais que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p. 13).

Trazendo para o presente contexto, o conceito de alfabetização financeira digital, surgiu para indicar o conhecimento, as habilidades, a confiança e as competências para usar com segurança instrumentos e serviços financeiros fornecidos digitalmente e tomar decisões financeiras informadas (Alliance for Financial Inclusion, 2021).

Sendo conceitos multidimensionais, este estudo pretende focar na dimensão do conhecimento financeiro, o qual é definido como o conjunto de habilidades e informações que permite aos indivíduos tomarem decisões financeiras informadas e eficazes (Lusardi & Mitchell, 2014). No mesmo sentido, Vieira et al.(2024) definem o conhecimento financeiro digital como os conhecimentos e habilidades necessários para a realização de operações financeiras digitais.

Diante de toda a inovação e reconfiguração do sistema financeiro para a era digital (Mogaji, et al, 2022), urge a necessidade que motiva a presente pesquisa, da discussão sobre como as pessoas estão acompanhando essa aceleração e como as diferenças sociodemográficas implicam nas lacunas no acesso à alfabetização financeira digital. Dentre as variáveis sociodemográficas, a variável gênero será o foco principal do estudo, uma vez que, são vários estudos que destacam as persistentes desvantagens apresentadas ao sexo feminino no que diz respeito a tecnologia, finanças e concorrência no mercado de trabalho (Cantos & Castaño. 2017; David & Phillips. 2023, p. 2077).

Um aspecto importante da diferença de gênero é que as mulheres ainda estão atrás dos homens em habilidades digitais mais complexas. Essa realidade permanece estável ao longo dos anos (Cantos & Castaño, 2017). A falta dessas habilidades prejudica as mulheres no mercado de trabalho, já que elas são fortemente exigidas nas vagas atuais. Como consequência, muitas enfrentam independência financeira deficiente ou nula e têm menor participação na economia (David & Phillips, 2023).

Além disso, estudos mostram que o conhecimento e a capacidade financeira são baixos de forma generalizada entre famílias de renda média na Europa, Estados Unidos, Austrália e outros países (Atkinson & Messy, 2012; Lusardi & Mitchell, 2014; OCED, 2005; Van Els, Van Rooij & Schuit, 2007). Autores como Lusardi & Mitchell (2011), David & Phillips (2022) e Aristei & Gallo (2022) apontam que a alfabetização financeira e tecnológica das mulheres continua insuficiente. Isso compromete também sua participação no sistema financeiro atual.

Para o contexto brasileiro, nota-se a falta de pesquisas que investiguem a fundo o conhecimento financeiro digital e também, da diferença de gênero nessa temática.

Essa deficiência representa uma lacuna na tomada de decisões para mitigar a problemática, uma vez que, ainda é pouco conhecida e difundida. Dessa forma, objetiva-se trazer evidências para a realidade brasileira no quesito conhecimento financeiro digital e analisar as diferenças de gênero.

Esse estudo inova por trazer evidências quanto ao conhecimento financeiro digital, que foi reestruturado diante dos recentes reflexos da globalização e automação mundial, que tornaram o digital como palco principal das finanças.

A importância do atual trabalho está relacionada ao comportamento do brasileiro. Segundo a Pesquisa sobre endividamento e inadimplência do Consumidor (Peic, CNC), com dados de 2025 mostram que cerca de 78,2% das famílias brasileiras têm dívidas a vencer, ao passo que 29,5% desses domicílios se encontram em inadimplência. Entre os inadimplentes, aproximadamente 12,5% declararam não ter condições de quitar seus débitos.

Esse cenário preocupa a população como um todo, principalmente o governo que segundo Preston & Wright, 2024, tem a capacidade de trabalhar na redução da lacuna de alfabetização financeira, que exige intervenções coordenadas entre escolas e políticas públicas que atuem desde a infância, combatendo estereótipos e fortalecendo a autoconfiança financeira. Assim o estudo pode contribuir para a tomada de decisões governamentais, que para além de tentar frear o endividamento, podem prever e planejar a mitigação das lacunas encontradas pelas mulheres no cenário das finanças.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conhecimento Financeiro Digital

Lusardi e Mitchell (2014) entendem o conhecimento financeiro digital como fator que permite ao indivíduo tomar decisões financeiras inteligentes e eficazes, sendo um pilar dentro da definição de educação financeira feita pela OCDE que combina consciência, conhecimento, competência, atitude e comportamento necessários para tomar decisões financeiras adequadas (OCDE, 2005).

A emergência da abordagem da temática se dá pela atualidade de seu contexto, atrelado a intensa globalização e a atualização e digitalização das finanças, que aceleram o dia a dia e impactam toda a população mundial, trazendo consigo, oportunidades, mas também desafios (MOGAJI et al., 2022).

Esses desafios são referentes tanto às instituições bancárias, que perpassam por um constante cenário competitivo, com a entrada dos “neobancos” (MURINDE et al, 2022); mas também a própria população que em meio ao grande aumento de eficiência e rapidez no contexto financeiro tiveram que se readaptar ao novo normal da era digital. Porém essa adaptação sofreu disparidade entre as variáveis sociodemográficas, com atenção especial à diferença de gênero.

Além de todos os benefícios atrelados a digitalização das finanças, como a praticidade, agilidade e constante evolução devido a alta competitividade do setor, aumentou-se também a vulnerabilidade dos usuários desses serviços, com aumento da preocupação com a privacidade online e tornando-se imprescindível a conscientização desses indivíduos sobre os riscos envolvidos, que se mostra menos intensa e eficaz entre o sexo feminino (SARITEPECI et al., 2024).

2.2 Relação do gênero com o conhecimento financeiro digital.

Pesquisas indicam que, tanto em países desenvolvidos quanto em

desenvolvimento, homens e mulheres demonstram atitudes, interesses e comportamentos financeiros distintos, os quais se refletem em diferentes níveis de alfabetização financeira e em percepções diversas sobre o tema (Lusardi & Mitchell, 2011; Santini et al., 2019; Warmath & Zimmerman, 2019). Danes e Hira (1987), por exemplo, identificam que homens tendem a ter maior interesse e conhecimento sobre seguros e empréstimos, enquanto as mulheres costumam apresentar um conhecimento mais geral e superficial sobre finanças.

Essa falta de alfabetização financeira pode levar a dificuldades para gerenciar recursos, uso inadequado de opções de crédito e acúmulo de dívidas de curto e longo prazo (Yushita, 2017). Com reflexos reais, Kurowski (2021) constatou que as mulheres foram expressivamente mais afetadas pelo superendividamento e pelas finanças pessoais, estando menos preparadas para a crise econômica que acompanhou a pandemia do COVID-19. Além disso, Li (2018) mostrou que mulheres solteiras têm mais dificuldades em quitar dívidas do que homens solteiros.

São vários os fatores que levam até a desvantagem das mulheres no quesito conhecimento financeiro digital, sendo um problema persistente na sociedade, especialmente em países em desenvolvimento (Driva, et al. 2016), onde as taxas de desemprego são elevadas, de forma geral, mas especialmente entre as mulheres.

Outro fator persistente é a disparidade salarial, que pode ser observada em diversos países, como por exemplo na Turquia, onde a participação das mulheres está mais relacionada com trabalhos informais e cuidado com o lar (Sarigül, 2024). Esse fator apresenta forte relação com o fato de que as mulheres ainda estão atrás dos homens no quesito habilidades digitais mais complexas, que são fortemente requeridas nas atuais vagas de emprego (Cantos & Castaño. 2017).

A independência financeira deficiente ou nula de algumas mulheres, também pode ser explicada pelo sexismo histórico que segregou as funções ligadas a finanças ao sexo masculino, dessa forma, a autoestima condicionada ao conhecimento financeiro das mulheres foi prejudicada, desencorajando-as de participar das finanças (Tang & Padeiro. 2016; David & Phillips. 2023).

Tang & Padeiro (2016) trazem uma relação importante entre a autoestima condicionada ao conhecimento financeiro objetivo (boa compreensão dos conceitos financeiros) e sua influência nas decisões financeiras, sendo assim, o comportamento dos indivíduos mediante suas finanças está inteiramente ligado à sua autoconfiança. Ainda, ressalta-se o tendenciamento do sexo feminino em apontar as alternativas “não sei” ou “prefiro não responder” do que respostas substanciais, frente testes de conhecimento financeiro, apontando reflexos da autoconfiança feminina comprometida frente ao cenário financeiro (Kim & Mountain. 2019).

Além disso, Kim, Xiao e Lee (2025) reforçam ao constatar a confiança como fator contribuinte para a disparidade de gênero. Trouxeram estudos que apontam que os homens são mais propensos a assinalar respostas corretas e as mulheres se mostram mais propensas a oferecer respostas incorretas, sendo expressivamente mais propensas a selecionar a resposta “não sei” Chen e Garand (2018). Além disso, Bucher-Koenen et al. (2021) registraram que quando a opção de resposta “neutra” é removida, as mulheres tendem a responder corretamente e que um terço das disparidades de gênero no conhecimento financeiro podem ser explicadas pelos menores níveis de confiança das mulheres.

Tabela 1: Relação entre gênero e conhecimento financeiro digital

Relação observada	Assunto / Evidência	Autores
-------------------	---------------------	---------

Diferenças em atitudes, interesses e comportamentos financeiros	Homens e mulheres apresentam diferentes níveis de alfabetização financeira e percepções sobre finanças	Lusardi & Mitchell (2011); Santini et al. (2019); Warmath & Zimmerman (2019)
Conhecimento financeiro específico vs. geral	Homens tendem a ter maior interesse em seguros e empréstimos; mulheres apresentam conhecimento mais superficial	
Baixa alfabetização financeira → dificuldades práticas	Dificuldade em gerenciar recursos, uso inadequado de crédito e acúmulo de dívidas	Danes & Hira (1987)
Impacto da pandemia no superendividamento	Mulheres mais afetadas pelo superendividamento e menos preparadas financeiramente	Yushita (2017)
Diferença entre solteiros	Mulheres solteiras têm mais dificuldades para quitar dívidas que homens solteiros	Kurowski (2021)
Contexto socioeconômico	Desvantagem feminina em países em desenvolvimento, com altas taxas de desemprego	Li (2018)
Disparidade salarial e trabalho informal	Mulheres mais inseridas em trabalhos informais e no cuidado com o lar, dificultando avanço digital	Driva et al. (2016)
Habilidades digitais complexas	Mulheres ainda atrás dos homens em competências digitais requeridas no mercado	Sarigül (2024)
Sexismo histórico	Funções financeiras associadas ao masculino; autoestima e participação financeira feminina prejudicadas	Cantos & Castaño (2017)
Autoconfiança e conhecimento financeiro	Autoconfiança ligada à compreensão de conceitos financeiros e às decisões; mulheres tendem a marcar “não sei”	Tang & Padeiro (2016); David & Phillips (2023)
Confiança e respostas em testes	Mulheres mais propensas a marcar “não sei” em vez de arriscar; disparidade de gênero ligada à confiança	Tang & Padeiro (2016); Kim & Mountain (2019)
Remoção da opção “neutra” em testes	Quando a opção neutra é removida, mulheres respondem mais corretamente; 1/3 da disparidade vem da confiança	Kim, Xiao & Lee (2025); Chen & Garand (2018)
		Bucher-Koenen et al. (2021)

Fonte: Formulada pelo autor.

3.0 MÉTODO

Nesta seção serão abordadas as principais técnicas de pesquisa utilizadas para a realização do presente estudo, bem como detalhar os meios de coleta dos dados e o processo de análise descritiva, comparativa e de regressão.

Foi coletada uma amostra de mil e um (1001) respondentes no mês de agosto de 2024, na cidade de Santa Maria-RS e região. Os questionários foram aplicados presencialmente. Após a etapa de coleta de dados ser finalizada, houve a etapa de digitação da base de dados dos questionários respondidos, que possibilitou a análise de dados através do programa SPSS.

O conteúdo do questionário que tinha como intuito revelar o nível de conhecimento financeiro digital da população de Santa Maria e região, foi adaptado do estudo de VIEIRA et al, 2024 sendo dividido em dois níveis de conhecimento: 22 perguntas que buscavam medir o conhecimento financeiro digital básico e outras 15

que buscavam medir o conhecimento financeiro digital avançado. As perguntas tinham como opção de respostas às alternativas: sim, não e nunca tentei.

O questionário também apresentava uma seção de perguntas de perfil, que buscavam obter informações pessoais dos respondentes como: sexo, idade, estado civil, raça/etnia, nível de escolaridade e renda mensal própria bruta. O apêndice A apresenta o instrumento de pesquisa.

Em um primeiro momento foi efetuada uma análise de bibliografia que demonstra sua importância ao auxiliar na interpretação de resultados. Levando a uma contextualização dos dados e até comparando o passado com o presente. Trazendo para atualidade como as desigualdades sociais, financeiras e culturais impactam no acesso do gênero feminino, às tecnologias e às finanças e como esses fatores refletem na atual configuração das finanças e do conhecimento financeiro digital em si, além de aprofundar-se na ascensão das *Fintechs* e desenvolvimento das tecnologias como um todo.

Como primeiro passo para a análise quantitativa foi analisado o perfil da amostra, já divididos por gênero. Foram descritas as perguntas de perfil referentes a estado civil, raça/etnia, grau de escolaridade, renda mensal e idade.

A perspectiva apresentada por Chen e Volpe (1998) foi utilizada como base para analisar o conhecimento financeiro digital da amostra que é dividido em: Baixo Conhecimento, que é quando o indivíduo responde corretamente menos de 60% das questões, médio Conhecimento, quando o indivíduo acertar entre 60% e 80% das perguntas e alto conhecimento, quando o indivíduo acertar mais de 80% das questões.

Em seguida, com o intuito de verificar a existência de uma variabilidade entre as respostas dos homens e das mulheres, foi utilizado o Teste *t-student*, com um nível de significância de 5%. O Teste *t-student* é um teste paramétrico utilizado para analisar a média de dois grupos com os dados que assumem uma distribuição normal (ANDERSON et al. 2003).

Para ilustrar os resultados obtidos de maneira visualmente simplificada, foram construídos histogramas que representam o nível de conhecimento financeiro digital, básico, avançado e consolidado, tanto dos homens quanto das mulheres.

Por último, foi efetuada uma análise de regressão para entender quais as variáveis que mais impactam no conhecimento financeiro digital dos indivíduos. Foram utilizadas como variáveis independentes a Dummy Pix (0- não, 1-sim), Dummy Drex (0-não, 1-sim), Sexo (0-masculino, 1- feminino), Idade (1- 0 a 17 anos, 2- 18 a 25 anos, 3- 26 a 30 anos, 4- 31 a 40 anos, 5- mais de 40 anos), Dummy Estado Civil (0-solteiro, 1-outro), Dummy Raça (0-outros, 1-branco), Dummy de Nível de Escolaridade (0-fundamental ao superior, 1-especialização ou mestrado), Dummy de Renda (0- até 7.060,00, 1-mais).

4.0 ANÁLISE DE RESULTADOS

A Tabela 2 apresenta o perfil da amostra, com informações de idade, raça, renda, escolaridade e sexo, importante destacar que as frequências e percentuais estão segmentados por gênero, sendo esse o enfoque da presente pesquisa. Essa divisão facilita na identificação de possíveis diferenças nas respostas, contribuindo para a compreensão dos dados coletados.

Tabela 2: Perfil da amostra.

Variável	Categoria	Frequência		Porcentagem(%)	
Sexo		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
		635	355	63,5	35,5
Estado Civil	Solteiro(a)	365	277	57,5	63,9
	Casado(a) ou relação estável	222	102	35	28,7
	Separado(a)/Divorciado(a)	40	19	6,3	5,4
	Viúvo(a)	4	3	0,6	0,8
	Outro	3	3	0,5	0,8
Raça/Etnia	Branco(a)	518	305	82,1	85,9
	Amarelo(a)	0	0	0	0
	Preto(a)	36	16	5,7	4,5
	Pardo(a)	73	34	11,6	9,6
	Indígena	4	0	0,6	0
Nível de Escolaridade concluído	Ensino Fundamental	16	17	2,5	4,8
	Curso Técnico	36	19	5,7	5,4
	Ensino Médio	166	137	26,2	38,6
	Ensino Superior	196	101	31	28,5
	Especialização ou MBA	88	27	13,9	7,6
	Mestrado ou Doutorado	131	54	20,7	15,2
Renda Mensal Própria Bruta	Não tenho renda	74	19	11,7	5,4
	Até R\$ 1.412,00	100	64	15,7	18,1
	Entre R\$1.412,01 e R\$ 2.824,00	154	74	24,3	21
	Entre R\$ 2.824,01 e R\$ 4.236,00	82	51	12,9	14,4
	Entre R\$ 4.236,01 e R\$ 5.648,00	62	38	9,8	10,8
	Entre R\$ 5.648,01 e R\$ 7.060,00	41	28	6,5	7,9
	Entre R\$ 7.060,01 e R\$ 11.296,00	64	35	10,1	9,9
	Entre R\$ 11.296,01 e R\$ 14.120,00	22	13	3,5	3,7
	Entre R\$ 14.120,01 e R\$ 28.240,00	32	24	5	6,8
	Acima de R\$ 28.240,00	4	7	0,6	2
Idade	De 0 a 17 anos	13	6	2	1,7
	De 18 a 25 anos	184	86	29	24,2
	De 26 a 30 anos	40	21	6,3	5,9
	De 31 a 40 anos	66	19	10,4	5,4
	Mais de 40 anos	332	223	52,3	62,8

Fonte: Resultados da Pesquisa 2025.

A Tabela 2 apresenta uma análise detalhada do perfil dos indivíduos. A segmentação por gênero das variáveis serve para ajudar a atingir uma análise mais assertiva acerca da temática da presente pesquisa.

Ao observar os dados, pode-se concluir que houve praticamente o dobro de respostas do sexo feminino. Destaca-se ainda que a maioria dos indivíduos no geral são solteiros e brancos, com mais de 40 anos e ensino médio completo, mas com destaque ao grande número de mestres e doutores, ao olhar para a renda nota-se que a maioria recebe entre R\$ 1412,01 e R\$ 2824,00, com uma relação relativamente proporcional entre o número de respondentes de cada sexo e a renda, destaca-se que mesmo com menos respostas do sexo masculino, são mais números os homens que recebem acima de R\$ 28.240,00. Trazendo a disparidade salarial como um fator persistente, em concordância com a ideia de Sarigül, (2024)

A Tabela 3 expõe as respostas das questões acerca do conhecimento financeiro digital básico, que é uma medida essencial para medir o conhecimento como um todo.

Tabela 3: Respostas para os itens de Conhecimento Financeiro Digital Básico.

Variáveis	Sim		Não		Nunca Tentei	
	Feminino (%)	Masculino (%)	Feminino (%)	Masculino (%)	Feminino (%)	Masculino (%)
Comprar com cartão de crédito.	85,8	85,6	8,8	10,1	5,4	4,2
Fazer PIX.	97,8	97,5	1,6	2,5	0,3	0
Verificar o saldo da conta corrente nos canais digitais.	93,1	94,6	3,8	4	2,8	1,4
Verificar o extrato das contas nos canais digitais.	92,8	96,1	2,8	23,8	2,2	1,1
Pagar boleto nos canais digitais.	91,8	94,9	2,8	2,3	5,1	2,8
Atualizar seu cadastro nos canais digitais.	83,3	87,7	6,1	4,3	10,7	8
Realizar transferência entre contas de diferentes instituições (TED).	76,9	78,3	5,7	8,2	17,5	13,5
Alterar limites de saques e transferências nos canais digitais.	70	73,8	12,4	9,9	17,6	16,3
Habilitar uma conta nos canais digitais.	76,9	79,5	9,2	7,7	13,8	12,8
Localizar um comprovante de pagamento de um boleto, transferência ou pix.	95,6	96,9	2,5	1,7	1,9	1,4
Alterar senha de acesso aos canais digitais.	80,2	82,2	9,1	6,8	10,7	11
Liberar/bloquear o cartão para compras nacionais nos canais digitais.	71,5	74,9	8,2	8,7	20,3	16,3
Criar um cartão de crédito virtual nos canais digitais.	71,5	74,1	10,5	10,4	18	15,5
Abrir uma conta num banco digital.	77	80,9	8	4,3	15	14,8
Cadastrar chave PIX	93,3	95,8	4,4	2	2,2	2,3
Realizar um saque no terminal de autoatendimento.	83,7	86,2	4,8	5,4	11,5	8,5
Realizar pagamento de compras online via PIX.	96,8	94,9	1,9	2,5	1,3	2,5

Cadastrar a digital (biometria) para acessos.	85,7	85,6	6,3	6,8	0,2	7,6
Desbloquear o aplicativo pelo autoatendimento.	77,8	75,8	9,1	10,7	12,4	13,5
Encontrar as formas de atendimento (telefone, e-mail, whats) nos canais digitais.	89,1	85,9	5,4	5,4	5,5	8,7
Instalar aplicativo bancário no celular.	94,6	98,3	3,8	1,4	1,6	3,0
Utilizar canais digitais sem o auxílio de outra pessoa.	91,2	93,8	6	3,1	2,8	3,1

Fonte: Resultados da Pesquisa 2025.

As médias ainda serão expostas, porém os dados da Tabela 3 expõem as altas porcentagens no “sim”, que demonstram um alto conhecimento financeiro digital básico dos indivíduos. Além de uma maior frequência da resposta “nunca tentei” por parte dos respondentes do sexo feminino indicando uma falta de autoestima das mulheres quando o assunto “finanças” é abordado, o que refirma o tendenciamento do sexo feminino em apontar as alternativas “não sei” ou “prefiro não responder” do que que respostas substanciais, frente testes de conhecimento financeiro, apontando por (Kim & Mountain. 2019).

Por outro lado, a Tabela 4, trata sobre o segundo pilar da análise, o conhecimento financeiro digital avançado.

Tabela 4: Respostas para o Conhecimento Financeiro Digital Avançado.

Variáveis	Sim		Não		Nunca Tentei	
	Feminino (%)	Masculino (%)	Feminino (%)	Masculino (%)	Feminino	Masculino
Se comunicar com o gerente pelos canais digitais ou WhatsApp	9,5	11,6	66	66,4	24,5	22
Identificar as taxas cobradas pelo banco/corretora nos canais digitais.	11,1	9,6	68	74,3	20,9	16,1
Liberar/bloquear o cartão para compras internacionais	15,5	12,1	47,5	58,5	36,9	29,4
Realizar uma aplicação ou resgate em fundos de investimentos, LCA ou CDB	17,1	11	44,1	56,7	38,8	32,8
Realizar uma aplicação ou resgate de títulos públicos pelos canais digitais.	19,1	13	32,2	43,1	48,6	43,9
Comprar e vender ações pelos canais digitais.	21	12,5	25,3	49,9	53,7	37,7
Comprar e vender moeda estrangeira nos canais digitais.	17	24,6	34,3	15,2	48,7	60,2
Comprar e vender derivativos (opções de compra/venda, mercado futuro, etc) pelos canais digitais.	22,7	16,4	14,7	31,9	62,6	51,7
Simular um financiamento (carro, casa, etc) pelos canais digitais.	13	7,6	50,6	63,5	36,5	28,9

Contratar um empréstimo pelos canais digitais.	16,2	12,8	44,7	56	39,1	31,3
Contratar um seguro pelos canais digitais	16,9	15,7	40,1	45,3	43,1	39
Liberar o acesso ao open finance (compartilhamento dos seus dados entre instituições financeiras) pelos canais digitais.	18,8	18,4	33,7	43,5	47,5	38,1
Depositar cheque pelos canais digitais	24,2	22,4	13,4	21,5	62,5	56,1
Sacar sem cartão no terminal de autoatendimento.	17,7	12,4	48,5	52,1	33,8	35,5
Gerar código no aplicativo para realizar saque sem o cartão	18	16,4	41,4	45,9	40,6	37,7

Fonte: Resultados da Pesquisa 2025.

A Tabela 4 expõe as respostas das questões acerca do conhecimento financeiro digital avançado. Sob uma análise comparativa com a Tabela 3: Conhecimento financeiro digital básico, pode-se perceber que o conhecimento avançado obteve maiores porcentagens na opção “nunca tentei” e “não”, o que indica um menor domínio dessa temática por parte da população. Com destaque a opção “nunca tentei”, novamente sendo majoritariamente assinalada por mulheres. Reforçando a constatação trazida por Kim, Xiao e Lee (2025), de que a confiança é tida como fator contribuinte para a disparidade de gênero.

A Tabela 5 é de suma importância para classificar os indivíduos e seus conhecimentos financeiros digitais, apresentando a média e desvio padrão; Além de o Teste F e t. A qual será analisada sob a perspectiva apresentada por Chen e Volpe (1998).

Tabela 5: Teste t, F e Médias do conhecimento Financeiro Digital Básico, Avançado e Total.

Conhecimento Financeiro Digital	Masculino		Feminino		Teste F		Teste t	
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio Padrão	Valor f	Sig	Valor t	Sig
Básico	0,8692	0,16737	0,8496	0,18066	2,224	0,136	1,676	0,094
Avançado	0,4949*	0,30000	0,3878*	0,30000	20,453	0,000	5,682	0,000
Total	0,6820*	0,2123	0,6187*	0,19392	6,246	0,013	4,630	0,000

Nota: *, significância ao nível de 1%.

Fonte: Resultados da Pesquisa 2025.

Segundo os dados da Tabela 5, a maioria dos indivíduos possui alto conhecimento financeiro digital básico, porém apresentam menor domínio sobre o conhecimento financeiro avançado. Sendo assim, pode-se notar semelhança entre o comportamento dos brasileiros com os estudos de Atkinson & Messy, 2012; Lusardi & Mitchell, 2014; OCED, 2005; Van Els, Van Rooij & Schuit, 2007, os quais mostram que o conhecimento e a capacidade financeira são baixos de forma generalizada entre famílias de renda média na Europa, Estados Unidos, Austrália e outros países.

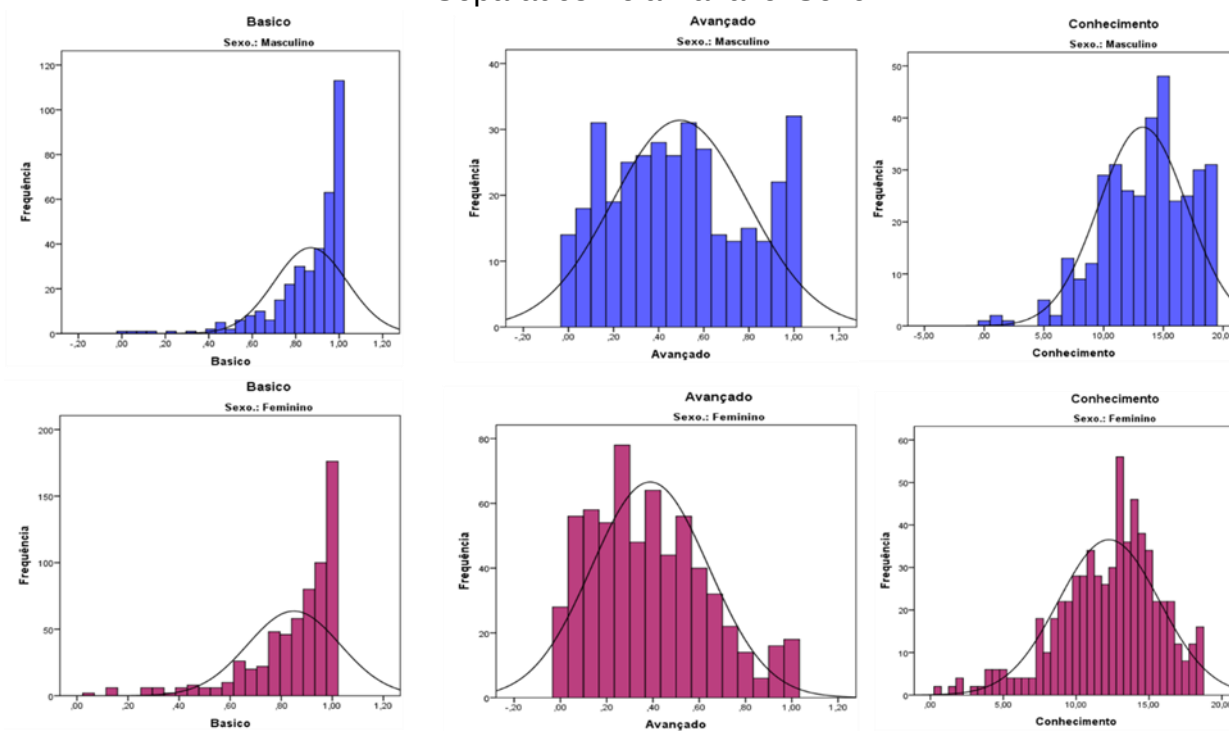
No geral o Conhecimento Financeiro digital dos indivíduos se encontra na categoria de mediano, acarretado pelo equilíbrio entre o alto valor do básico, e baixo do avançado.

O Teste F, verifica a validade do modelo como um todo, além de, auxiliar na verificação da homogeneidade das variâncias entre os grupos (masculino e feminino). Dessa forma, na presente análise, verifica-se a homogeneidade das variâncias entre homens e mulheres no conhecimento financeiro básico, por outro lado, no avançado e total, verifica-se desigualdade na dispersão.

Já o Teste t, demonstra que as médias do feminino e masculino, no avançado e no total são significativas ao nível de 1%. Em contrapartida, a média do conhecimento financeiro digital básico não é significativa.

Outra ferramenta que auxilia na análise de resultados, são os gráficos, que os expõem de forma ilustrativa. A Figura 1 mostra separadamente a configuração do conhecimento financeiro digital básico, avançado e o acumulado separado por gênero.

Figura 1: Níveis de Conhecimento Financeiro Digital Básico, Avançado e Acumulado, Separados Pela Variável Sexo.



Fonte: Resultados da pesquisa 2024, analisados no Spss

Diante da disposição das barras nos gráficos, é válida a afirmação anterior de que o nível básico de conhecimento é equiparadamente alto. Por outro lado, ao observar o gráfico do conhecimento avançado, nota-se disparidade, uma vez que, os indivíduos do sexo masculino apresentam uma frequência mais regular, já que as barras estão dispostas com certa linearidade, passando para os indivíduos do sexo feminino, os quais apresentaram maior volume de respostas do lado esquerdo do gráfico, ou seja, mais baixo conhecimento financeiro digital avançado.

Em última análise, através dos dados já observados, para o sexo masculino, que apresentara maior volume de barras do lado direito do gráfico, sinalizando alto conhecimento financeiro digital básico e no conhecimento avançado apresentou

constância por todas as partes do gráfico, sinalizando um conhecimento financeiro digital avançado médio baixo, no conhecimento acumulado apresentou maior volume de barras do meio para a direita do gráfico, obtendo um conhecimento financeiro digital médio.

Por outro lado, através de uma análise dos dados anteriores semelhante a do sexo masculino, expõe-se que o sexo feminino apresenta um nível de conhecimento financeiro digital médio baixo.

A seguir foi feita uma análise de regressão com o intuito de observar quanto e como as variáveis independentes selecionadas influenciam no comportamento do conhecimento financeiro digital. Com a utilização do SPSS obteve-se em um primeiro momento um R quadrado = 0,284, indicando que 28,4% da percepção de conhecimento financeiro digital é explicada pelas variáveis selecionadas.

Tabela 6: Análise de Regressão Múltipla.

Variáveis	Coeficientes	Sig	VIF
Idade	0,004	0,392	1,146
Sexo	-0,037	0,004	1,103
Pix	0,245	0,000	1,026
Drex	0,150	0,000	1,069
Estado civil	-0,018	0,187	1,246
Raça	0,028	0,073	1,026
Nível de escolaridade	0,052	0,001	1,570
Renda	0,048	0,007	1,480

Fonte: Resultados da pesquisa 2025, analisados no Spss.

No que se refere aos coeficientes, algumas variáveis se destacaram pelo nível de significância. A variável sexo apresentou coeficiente negativo (-0,037; Sig=0,004), indicando que as mulheres possuem menor nível de conhecimento financeiro digital em comparação aos homens, o que reforça a existência de desigualdades de gênero já evidenciadas por outros estudiosos como Cantos & Castaño. (2017); David & Phillips. (2023), p. 2077 que destacam as persistentes desvantagens apresentadas ao sexo feminino no que diz respeito a tecnologia, finanças e concorrência no mercado de trabalho.

A idade apresentou um coeficiente positivo (0,004), porém não significativo (Sig=0,392), sugerindo que, quando controladas as demais variáveis, a idade como variável isolada não explica diferenças expressivas no nível de conhecimento financeiro digital.

Entre as variáveis relacionadas ao uso de ferramentas financeiras digitais, o Pix apresentou o coeficiente mais expressivo (0,245; Sig=0,000). Esse resultado mostra que os indivíduos que utilizam esse recurso tendem a apresentar níveis mais elevados de alfabetização financeira digital, possivelmente pelo contato frequente com serviços digitais no cotidiano. De forma semelhante, o Drex também apresentou efeito positivo (0,150; Sig=0,050), ainda que em menor grau, apontando para um potencial de influência na medida em que essa ferramenta se consolida.

O estado civil não demonstrou relevância estatística (-0,018; Sig=0,187), o que indica que a condição conjugal dos indivíduos não tem efeito direto sobre o

conhecimento financeiro digital. Já a variável raça apresentou significância marginal (0,028; Sig=0,073), sugerindo uma possível relação, mas que não pode ser confirmada com robustez.

O nível de escolaridade foi um dos fatores mais consistentes do modelo (0,052; Sig=0,001), demonstrando que quanto maior a formação acadêmica, maior tende a ser o domínio das ferramentas financeiras digitais. Esse resultado se alinha a pesquisas que apontam a educação formal como elemento central para a ampliação da alfabetização financeira.

Por fim, a variável renda também apresentou impacto positivo e significativo (0,048; Sig=0,007), sendo um dos fatores de maior peso no modelo. Esse achado sugere que indivíduos com maior renda possuem melhores condições de acesso a recursos tecnológicos e serviços bancários digitais, o que amplia seu conhecimento nesse campo.

De modo geral, os resultados confirmam que sexo, Pix, escolaridade e renda são os principais determinantes do conhecimento financeiro digital, enquanto idade e estado civil não se mostraram relevantes. Variáveis como Drex e raça apresentam indícios de influência, mas de forma menos consistente. Esses achados reforçam a necessidade de políticas que incentivem a inclusão digital e financeira, sobretudo entre mulheres e indivíduos com menor escolaridade e renda.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da inovação e reconfiguração do sistema financeiro para a era digital (Mogaji, et al, 2022), bem como a falta de confiança atrelada a falta de autoestima das mulheres no cenário das finanças, (Tang & Padeiro, 2016). O presente estudo avança ao identificar onde e como as diferenças sociodemográficas impactam na disparidade de acesso à alfabetização financeira digital, com destaque a disparidade de gênero.

Atenderam-se aos objetivos ao trazer evidências para o cenário brasileiro e também ao compreender e aprofundar os estudos no conhecimento financeiro digital e de rememorar fatores que explicam e transcorrem sobre a diferença de gênero. Por meio do instrumento da análise, o questionário, que coletou uma amostra exclusivamente brasileira, além da revisão bibliográfica aplicada que foi efetuada ao longo do presente documento.

Conclui-se, portanto, que a análise estatística descritiva, juntamente com o Teste t e a regressão linear múltipla são ótimos aliados em uma jornada em busca de resultados relevantes. Com essas ferramentas, foi possível entender de fato o conhecimento financeiro digital, avaliando quais as variáveis sociodemográficas que mais apresentam influência sobre a problemática, com destaque a variável sexo, que ao realizar a média das perguntas de conhecimento financeiro básico e avançado, foi comprovado que ainda existe um maior nível de conhecimento financeiro digital ao grupo “homens”, de maneira que o avançado levou o resultado para essa premissa.

Esses resultados corroboram estudos anteriores que apontam a persistência de barreiras históricas, como o sexismo estrutural e a ausência de políticas públicas eficazes, que limitam a participação feminina no campo das finanças e da digitalização. Nesse sentido, o presente estudo contribui para reforçar a urgência de políticas que promovam a inclusão financeira digital de forma democrática, utilizando, por exemplo, escolas, universidades e canais digitais em linguagem acessível como meios de disseminação da educação financeira.

Do ponto de vista prático, os achados sugerem que a ampliação da alfabetização financeira digital não apenas reduz desigualdades de gênero, mas

também fortalece a participação das mulheres no mercado de trabalho e na economia em geral. A promoção de programas educativos voltados especificamente para o público feminino pode representar um avanço significativo em termos de equidade e desenvolvimento social.

Entretanto, é importante reconhecer algumas limitações do estudo. A primeira diz respeito à própria amostra, composta apenas por indivíduos brasileiros, o que restringe a generalização dos resultados para outros contextos culturais e socioeconômicos. Outra limitação está no fato de que o instrumento de coleta foi autodeclarado, o que pode gerar vieses de resposta, principalmente em questões que envolvem confiança e percepção pessoal. Além disso, embora a regressão múltipla permita identificar associações entre variáveis, não é possível estabelecer relações de causalidade de forma definitiva.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o escopo da amostra, explorando comparações internacionais e recortes específicos, como faixas etárias ou setores de atuação profissional. Investigações qualitativas também poderiam enriquecer a compreensão sobre os aspectos subjetivos que influenciam a relação das mulheres com as finanças digitais, como autoestima, confiança e experiências prévias.

REFERÊNCIA

- ARISTEI, David; GALLO, Manuela.** Assessing gender gaps in financial knowledge and self-confidence: Evidence from international data. *Finance Research Letters*, v. 46, p. 102200, 2022.
- ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne.** Measuring financial literacy: Results of the OECD/International Network on Financial Education (INFE) pilot study. 2012.
- BUCHER-KOENEN, T.; CLARK, R.; LUSARDI, A.; WEBER, A.** How financially literate are women? An overview and new insights. *Journal of Economic Literature*, v. 59, n. 2, p. 357-402, 2021.
- CHEN, H.; GARAND, J. C.** Financial literacy and gender differences. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, v. 75, p. 18-28, 2018.
- CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P.** An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.
- CNC – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO.** Endividamento das famílias brasileiras bate novo recorde em maio, com inadimplência em alta. Mercado & Consumo, 9 jun. 2025.
- DANES, S. M.; HIRA, T. K.** Money management knowledge of college students. *Journal of Student Financial Aid*, v. 17, n. 1, p. 1-16, 1987.
- DAVID, Raluca; PHILLIPS, Toby.** The gender digital gap: shifting the theoretical focus to systems analysis and feedback loops. *Information, Communication & Society*, v. 26, n. 10, p. 2071-2087, 2023.
- DRIVA, A.; LÜHRMANN, M.; WINTER, J.** Gender differences and stereotypes in financial literacy: Off to an early start. *Economics Letters*, v. 146, p. 143-146, 2016.
- KIM, Namhoon; MOUNTAIN, Travis P.** Financial knowledge and “don’t know” response. *Journal of Consumer Affairs*, v. 53, n. 4, p. 1948-1969, 2019.
- KIM, Kyoung Tae; XIAO, Jing Jian; LEE, Sunwoo T.** Gender differences in financial capability: What is behind the gap?. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, v. 54, n. 1, p. e70025, 2025.
- KUROWSKI, Lukasz.** Household’s overindebtedness during the COVID-19 crisis: the role of debt and financial literacy. *Risks*, v. 9, n. 4, art. 62, 2021.
- LI, Geng.** Gender-related differences in credit use and credit scores. **FEDS Notes**, Board of Governors of the Federal Reserve System, 22 jun, 2018.
- LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S.** Financial literacy around the world: an overview. *Journal of Pension Economics & Finance*, v. 10, n. 4, p. 497-508, 2011.
- MARTÍNEZ-CANTOS, J. L.; CASTAÑO, C.** La brecha digital de género y la escasez de mujeres en las profesiones TIC. *Panorama Social*, n. 25, p. 49-65, 2017.
- MITCHELL, O. S.; LUSARDI, A.** Financial literacy and economic outcomes: evidence and policy implications. *The Journal of Retirement*, v. 3, n. 1, p. 107–114, 2015.

MOGAJI, E.; NGUYEN, N. P. Managers' understanding of artificial intelligence in relation to marketing financial services: insights from a cross-country study. *International Journal of Bank Marketing*, v. 40, n. 6, p. 1272-1298, 2022.

MURINDE, V.; RIZOPOULOS, E.; ZACHARIADIS, M. The impact of the FinTech revolution on the future of banking: Opportunities and risks. *International Review of Financial Analysis*, v. 81, p. 102103, 2022.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Improving Financial Literacy – Analysis of issues and policies. Paris, 2005.

RUBERTO, I. V. G.; DA SILVEIRA, V. G.; VIEIRA, K. M.; BENDER FILHO, R. A influência dos fatores macroeconômicos sobre o endividamento das famílias brasileiras no período 2005–2012. *Estudos do CEPE*, v. 37, n. 1, p. 58-77, 2013.

SARIGÜL, H. Financial Literacy Gender Gap: A Meta-Analysis. *Sosyoekonomi*, v. 32, n. 61, p. 97-123, 2024.

SARITEPECI, Mustafa et al. The role of digital literacy and digital data security awareness in online privacy concerns: a multi-group analysis with gender. *Online Information Review*, v. 48, n. 5, p. 983-1001, 2024.

SANTINI, F. D. O.; LADEIRA, W. J.; METTE, F. M. B.; PONCHIO, M. C. The antecedents and consequences of financial literacy: a meta-analysis. *International Journal of Bank Marketing*, v. 37, n. 6, p. 1462-1479, 2019. <https://doi.org/10.1108/IJBM-10-2018-0281>

SPC BRASIL; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS. Pesquisa de endividamento das famílias brasileiras. 2023.

TANG, N.; BAKER, A. Self-esteem, financial knowledge and financial behavior. *Journal of Economic Psychology*, v. 54, p. 164-176, 2016.

VIEIRA, K. M.; MATHEIS, T. K.; DOS REIS LEHNHART, E. Digital Financial Capability Scale. *Journal of Risk and Financial Management*, v. 17, n. 9, p. 404, 2024.

VIEIRA, K. M.; MATHEIS, T. K.; LEHNHART, E. D. R.; TAVARES, F. O. Digital Financial Knowledge Scale (DFKS): Insights from a Developing Economy. *International Journal of Financial Studies*, v. 12, n. 4, 2024.

WARMATH, D.; ZIMMERMAN, D. Financial literacy as more than knowledge: The development of a formative scale through the lens of Bloom's domains of knowledge. *Journal of Consumer Affairs*, v. 53, n. 4, p. 1602-1629, 2019. <https://doi.org/10.1111/joca.12286>

YUSHITA, A. N. Pentingnya literasi keuangan bagi pengelolaan keuangan pribadi. *Nominal: Barometer Riset Akuntansi dan Manajemen*, v. 6, n. 1, p. 11-26, 2017. <https://doi.org/10.21831/nominal.v6i1.14330>

ZAIMOVIC, Azra et al. Measuring Digital Financial Literacy. *Procedia Computer Science*, v. 236, p. 574-581, 2024.